

COMPARANDO FORMAS DE SE ‘IMAGINAR’ E ‘NARRAR’ A NAÇÃO NAS AMÉRICAS: AS EXPERIÊNCIAS ARGENTINA, BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA.

Aluno: Lucas Castellar

Orientador: Prof. Marco Antonio Pamplona

Apresentação:

O século XIX foi um período extremamente conturbado na história da América, principalmente na América Latina. Sua primeira metade foi marcada pela eclosão das revoluções de independência, levando à perda dos territórios de além-mar de Portugal e Espanha.

Os novos estados soberanos provenientes desses movimentos revolucionários enfrentaram uma série de questões importantes a médio prazo, que deveriam ser encaminhadas ao longo do século: a segurança e manutenção de sua soberania no âmbito internacional; a construção de uma própria identidade nacional e sua difusão entre as populações sob sua jurisdição; a definição da cidadania e a sempre recorrente pergunta - Eram eles uma *nação*?

Com o passar do tempo intelectuais nesses diversos novos Estados buscaram uma resposta para algumas dessas questões e nos mostraram, por meio de modos específicos de se “imaginar” e “narrar” a nação que, por eles produzidos, qual o caminho para a legitimação e institucionalização dessas mesmas idéias.

No caso brasileiro, a forma de se imaginar a nação, iniciada com o Império, se estendeu ao período republicano. Com a legitimação e consolidação da República, ela se aprofundou e ganhou novos atributos, como por exemplo, a tentativa de sua aproximação à mais velha das repúblicas modernas, os EUA.

Objetivo:

Analisar, através de documentos e escritos deixados por proeminentes intelectuais e homens públicos da época – Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Rui Barbosa – e particularmente através da troca de correspondência entre eles e o barão do Rio Branco, como se buscou a legitimação e institucionalização de algumas formas específicas de se “imaginar” e “narrar” a nação – construindo uma dada identidade nacional e uma imagem internacional de um Brasil civilizado e coeso na alvorada do século XX.

Metodologia:

Para melhor compreender e analisar como esses intelectuais veicularam a imagem de um país civilizado, unido e soberano, nos ocupamos, nesses quatro primeiros meses de pesquisa, das suas correspondências, localizadas no arquivo histórico do Palácio do Itamaraty.

A troca de correspondências com o barão do Rio Branco, o principal ícone da diplomacia brasileira, nos indica uma preocupação especial com a imagem do Brasil no exterior. Cabe lembrar que todos os intelectuais mencionados foram diplomatas em pleno exercício da profissão, à época trabalhada. Um exemplo da preocupação com a imagem do Brasil lá fora, ocorrera quando da revolta da vacina, no Rio de Janeiro. Nabuco, em carta a Rio Branco, reconhece aliviado a pouca, repercussão internacional dos tumultos da capital e esforça-se para que tal situação assim permaneça.

Outra preocupação observada nas correspondências, dizia respeito à imagem física do brasileiro entre os europeus. Estes os imaginavam de origem negra – algo que não agradava às elites brancas, de origem européia, a serviço no exterior. O trabalho em “maquiar” ou embranquecer tal mestiçagem com os atributos da civilização ocidental fazia parte das tarefas desses representantes brasileiros no exterior.

Mas, o momento estudado, em que esses intelectuais expressaram e demonstraram mais claramente os projetos de nação que propunham, foi o da Conferência Pan-americana do Rio de Janeiro, em 1906.

A abundância de correspondências entre os intelectuais citados com o Barão do Rio Branco, nos anos anteriores à conferência, é o melhor exemplo dessa tentativa de vender a imagem de um Brasil unido e coeso para os países vizinhos.

A conferência pan-americana também tinha como objetivo político uma certa maneira de unir a América política e culturalmente, não apenas comercial e economicamente, para que o continente já repleto de novos e soberanos Estados pudesse ir ao encontro dos países europeus. O choque entre dois diferentes tipos de doutrina ou modos de se atingir tal unidade ameaçou este projeto político continental. De um lado, havia o chamado “Monroísmo” (ou o corolário da doutrina Monroe), idealizado pelos norte-americanos, e que tinha como jargão “a América para os americanos”, defendia a união das nações americanas, sob a liderança norte-americana, em oposição a uma Europa apresentada como belicista. De outro, havia a doutrina Drago, de origem Argentina, reivindicada por países que se ressentiam de uma invasão norte-americana, e defendida por países que enfatizariam a união mais forte entre os de língua comum, ou seja, os de origem latina, sem a tutela oferecida dos EUA.

Conclusão:

Com base nos documentos estudados podemos provisoriamente inferir que, o projeto de nação defendido pelos intelectuais brasileiros passa por uma certa imagem de cidadão civilizado e embranquecido, identificado o mais possível com a cultura ocidental. Uma outra imagem buscada para apresentar no cenário internacional era a da união e coesão nacional. Isto podia ser observado, principalmente, nas observações sobre a Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro, em 1906. A tentativa de aproximação com os EUA, ou de aparecer como o seu principal aliado político, servia, ademais, para reforçar a crença de que a República tinha já se enraizado entre nós.

Bibliografia

PAMPLONA, Marco A. “Una perspectiva árielista entre los hombres públicos brasileños de fin de siglo: Estados Unidos en los escritos de Joaquim Nabuco y Oliveira Lima” in *Estados Unidos desde América Latina: Sociedad, política y cultura*. Víctor A. Arriaga Weiss e Ana Rosa Suárez Argüello (comp.). Mexico, DF: Centro Investigación y Docencia Econ./Inst. Investigaciones Dr. Jose M. L. Mora/El Colegio de Mexico, 1995. pp 183-196.

PAMPLONA, Marco A. “Ambigüidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a idéia de nação na Argentina e no Brasil”. *Estudos Históricos*, nº 32 - 2003/2.

MAGNOLI, Demetrio. “O Estado em Busca do seu Território”. In: JANCSÓ, István. *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec/Unijuí/Fapesp, 2003.